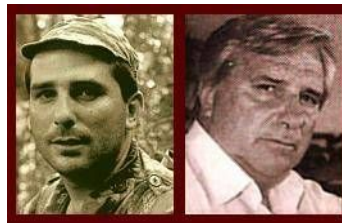


Fernando Farinha repórter de guerra...



... no Leste de Angola, com as tropas 'Comando'



Fernando Farinha © 1973

Seu nome era...

«FILHO DO POVO»

REPORTAGEM DE FERNANDO FARINHA

Esta reportagem é dedicada especialmente aos novos «comandos», a todos aqueles que mercê do seu esforço e da sua vontade conseguiram ser apurados e servem agora como «comandos».

Falo do «Siroco», o tal ventinho do deserto que todos os anos sopra no leste de Angola para descontentamento do MPLA.

É o «Siroco» que a maioria provavelmente já está conhecendo ... Mas ouviram falar como foram os outros «sirocos»?

Houve um, então, que o vento soprou de tal forma ...

«Filho do povo» era o seu nome de guerra. Domingos Carlos o de baptismo. Ele ia a enterrar.

Acompanhavam-no à cova, anónima, em chão não sagrado, na imensidão da chana, outros «chefes» vindos expressamente para a cerimónia do óbito tradicional. Nomes de prestígio: o «Basta», comissário político de uma das «zonas» de subversão, o «Unido», especialista em minas e armadilhas, «Jekula Mesu», encarregado de tentar a luta urbana em alguns centros populacionais do Leste, entre outros de somenos importância. Iam a enterrar o «Filho do Povo» e também eles já estavam mortos.

Em volta da campa rasa, o corpo já descido, ficaram-se os «chefes» e por detrás parte dos seus grupos armados; por fim, mais distante, um último círculo, de populares. O «Basta» subiu ao montículo de terra fresca, ergueu a mão a pedir silêncio e disse:

— A morte ocasional de um chefe não esmorecerá pela certa, a nossa vontade de continuar a luta contra os imperialistas. Isso pelo menos ficamos a dever-lhe, ao «Filho do Povo».

A prelecção continuou, nos melhores moldes de doutrinação política, aprendidos nas escolas de subversão de Moscovo, que frequentara. Todos quantos ali estavam tinham vindo a enterrar o chefe guerrilheiro morto.

... ..

Dois dias antes. Uma força de comandos, integrada numa operação muito mais vasta, aproxima-se silenciosamente e cerca um «acampamento». A espera prolonga-se, porque a madrugada ainda tarda. Os olhos cansam de vigiar a escuridão da noite. As mãos suam nas coronhas das «G-3», prontas a abrir fogo. A aurora surge dando início ao «golpe» de mão. Sete eram eles, os que cairam. O «Filho do Povo» e parte da sua secção, o «Sangue do Povo». Homens batidos no combate, endurecidos pela sobressaltada vida do «bate e foge», a que se resume o terrorismo, no Leste.

O combate desencadeou-se breve e áspero. Ao fim «Filho do Povo» e alguns outros aprendiam da maneira mais dura, aquilo que ao fim e ao cabo é a guerra que se faz a quem nos faz a guerra. Morreram.

Os COMANDOS deixaram os cadáveres no campo da luta. Apenas lhes levaram as armas e os documentos, que mesmo na mata e na ilegalidade, os documentos são precisos. Eles revelaram as identidades dos que naquele dia saldaram as contas, pendentes desde há cinco anos, que há tantos começou, para o MPLA, a guerra no Leste.

O Basta calou-se e ninguém bateu palmas. Não se batem palmas no enterro de um «chefe» e «Filho do Povo», de seu nome Domingos Carlos, já não era «chefe» não era nada, era um morto. Abria-se para todos os presentes a perspectiva agradável de um almoço frugal regado a cachipemba. Para os «chefes» talvez houvesse aguardente.

A guerra tem destas coisas. Num dia, que chega sempre, ultrapassa-se o limite. Um passo mais além do risco. Uma ousadia mais, além das já cometidas. E escoa-se a taça da Sorte e chega um tiro. Assim foi também para o «Filho do Povo» que estivera na Bulgária a aprender a matar com outra cêncica do que a cêncica do caçador. E aprendera bem. Tão bem que fora promovido, ainda há dias, para o cargo de «encarregado de assuntos políticos». Não chegou a ocupá-lo, efectivamente. Os outros, seus camaradas chamar-lhe-ão, talvez, como o Basta, um herói abatido. É preciso é dar aos homens uma ideia grande, uma ideia de força e fazê-los

combater por ela, mesmo que seja mentira. Para nós, Domingos Carlos foi apenas um entre os muitos que escolheram o caminho errado. E que pagou por isso. Porque nós também lutamos por uma ideia grande, uma ideia força, a de uma Angola onde cabem todos. E também morremos.

Raras vezes o inimigo terá assistido ao elogio fúnebre do inimigo abatido. Desta vez aconteceu. Uma força de COMANDOS que viera substituir aquela outra cujas espingardas tinham diado essa cerimónia, rodeava por completo aquele círculo que já tinha um morto por centro. Os homens tensos, prontos, não quiseram interromper o discurso. Lutar sim, mas com boas maneiras, tanto quanto possível. E não custava nada deixar o «chefe». Basta acabar de dizer o que tinha a dizer. De qualquer maneira, já era um cadáver adado. O fim do discurso marcou o princípio da batalha. Ninguém chegou a deitar o primeiro punhado de terra sobre o caixão simples entrecido de ramos de árvores e lianas. Era a vez de falarem as «G-3» nossas e as Kalashnikov, as Simonov, as PM-40 e as 25, as Steyr e até as Mausers...

Eles bem que tentaram! Mas o P. C. avançado dos COMANDOS estava tão perto que os reforços chegaram depressa e pelo ar. Outros grupos descaram dos helicópteros, colmataram -as bre-

chas, reforçaram os pontos fracos do dispositivo, que se transformou, de repente, numa bem oleada máquina de guerra. Ao fim, contaram-se os cadáveres e os prisioneiros. Havia outras onze covas a abrir junto daquela em que Domingos Carlos esperava que o viessem tapar com a terra húmida da chana. O rio, esse, não deu por nada.

Tudo isto aconteceu durante a operação que os COMANDOS desencadearam, em moldes inéditos, em extensa área do Leste. Os resultados finais foram, sem dúvida, dos mais importantes que se tem conseguido naquela zona. Noventa e um mortos, trinta feridos, 347 prisioneiros, além de perto de quatro centenas de populares que aproveitaram a oportunidade para fugirem ao controle do inimigo. Meia centena de armas automáticas grandes quantidades de minas, detonadores, granadas; cinco milhares de cartuchos; e coisas insólitas como três bidões de gasolina, três motores de pópa e o atrelado de um jeep!

Ao pé do «Filho do Povo» ficaram o Basta e o Unido. O Jekula, Meso, com quatro balas no corpo, fugiu. Chefes importantes. Os feridos foram imediatamente evacuados de helicóptero para o P. C. avançado e depois para o Luso, que são mais importantes vivos do que mortos. Os prisioneiros, como já acon-

teceu com centenas de outros, dentro em breve serão os melhores guias, os mais prestáveis, os sempre prontos a irem para a mata, que ninguém é enganado e fica calmo quando se lhe mostra o logro em que caiu...

Este foi apenas um episódio solto das histórias que, durante alguns meses, dali trouxeram, para contar os COMANDOS. Trouxeram também um ferido em combate, nada de grave, um tiro de raspão na cabeça. Destas histórias a mais chocante é a de que o MPLA lançou, armados, na mata, grupos de crianças de 15 anos. Chama-lhes os «pioneiros». Adolescentes não treinados, que julgam estar a brincar, que só têm, ainda, idade para brincar, mas que morrem a sério. Um deles, uma destas pequenas vítimas, desfez-se em lágrimas quando um capitão «comando» lhe berrou:

— Ou largas isso ou levas uma chapada!

Isso era uma arma. O garoto obedeceu. Está vivo. Outros não tiveram a mesma sorte. A quem imputar a culpa desse sangue inocente? Estará o M. P. L. A., tão falho de homens que já necessita de recorrer aos garotos para empunharem as armas que lhe são fornecidas, abundantemente, pelos países comunistas? Como quer dar prosseguimento à luta no Leste, se os seus principais, «chefes» como o «Bimba» — comandante do quartel! «Rússa», já antigo nestas lides — o «Ainda Vem», chefe de grupo, «N' Owa», o caçador e tantos outros acabaram, agora, em definitivo, a «carreira» do terrorismo? Também estes três homens, de prestígio foram abatidos durante esta ofensiva dos COMANDOS, que estão habituados a lutar com homens e não com adolescentes.

Como o vento do deserto, o agrupamento Siróco, flagelou o terrorismo por vasta área do Leste. Marco 25, Kassai, Lumeje, Cameia, Alto do Cúto...

Ao regressar à base, teve a satisfação de saber que a actividade operacional do inimigo decrescia bastante. Por outro lado, chegam informações de que os sobreviventes ou se deslocaram para a Zâmbia ou para lá enviaram estafetas pedindo novas instruções. Não foi um golpe mortal, todos os sabemos... O início da época das chuvas, no Leste, onde já começaram, transformando as chanas em pântanos, vem diminuir as possibilidades das nossas tropas continuarem a «limpeza».

Para já, o M. P. L. A., no Leste sofreu um revés tão sério como quando foi levantada ponto por ponto, quartel por quartel, acampamento por acampamento, a «Rota Agostinho Neto».

«Leão Veneno» foi o 14.º de um grupo de 26 que em 1963/64 frequentou nos países comunistas cursos de subversão e terrorismo. Foi o 14.º a morrer, evidentemente... Que pouco lhe serviu o seu curso de comissário político. De nada lhe serviu a arma novinha em folha que vinha estrear enquanto reorganizava as estruturas da subversão em parte do Distrito do Bié. Já dois dias antes ele e o seu grupo se tinham visto em sérias dificuldades para escaparem à emboscada que lhes montou uma força de páraquedistas. Porém, o seu destino, já estava guardado no carregador da «G-3» de um comando. Não se sabe porquê, ninguém compreende este erro tão grave de quem já não era novo nestas coisas, apareceu sozinho com dois guias, uma bússola e a sua Kalashnikov em área batida pelos COMANDOS. Entrou na zona de morte. Deram-lhe ordem para se render. Estava cercado. Voltou-se e abriu fogo instintivo. A sua última rajada, que limpou do cano o óleo protector, anti-corrosivo, lá posto, na fábrica, pelos camaradas soviéticos. No caderno de apontamentos, espécie de diário, que trazia, escrevera horas antes o seu contentamento por lhe ter nascido o primeiro filho varão.

Chamava-se Justino Sinda Frederico Chitáli. Era natural do Bié. Regressava há pouco da Zâmbia, onde pertencia aos «altos comandos» do terrorismo, para levar a sublevação à terra onde nascera. Por isso, seu filho nunca o conhecerá... Leão Veneno acabou.

As operações desencadeadas pelo Agrupamento Siróco vieram demonstrar várias coisas e importantes. A principal será, sem dúvida, o partido que se pode obter de tropas instruídas e mentalizadas para acções de combate. A segunda, o facto de pouco mais de três centenas de homens dispor de extraordinária mobilidade com P. C. praticamente dentro da zona de operações terem conseguido com o apoio da F. A. P. e da D. G. S., obter resultados tão expressivos em tão pouco tempo. A terceira, mas não menos importante, o ter demonstrado, se tal ainda fosse necessário, o que se pode fazer no rasto de uma informação ainda «quentes».

Desta cooperação COMANDOS-F. A. P.-D. G. S., desse espírito de equipa, resultou o êxito do Agrupamento Siróco.

E assim se passaram os tempos em que os COMANDOS levaram a sua força, a sua audácia, para as chanas, ora alagadas, do Leste de Angola. Voltaram carregados de despojos, armas e munições e material de campanha, que o inimigo substituirá. Então, eles terão que voltar e outros chefes encontrarão uma campa, anónima, em qualquer parte... Até que todos possuam o conhecimento de que, realmente, não lhes vale a pena continuarem. Até que o Mundo saiba que não vale, realmente, a pena tentar conquistar Angola por «interposta pessoa»...

FERNANDO FARINHA



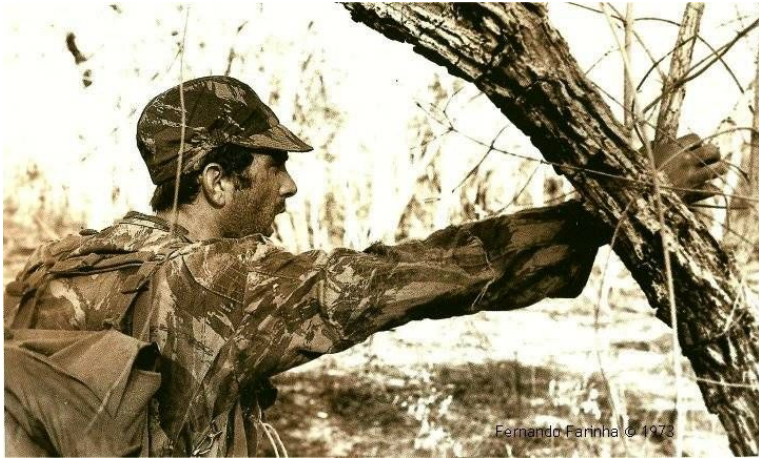
Siroco



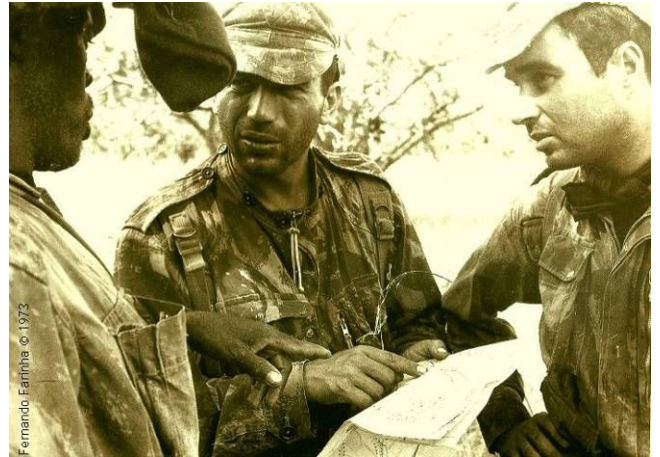
Fernando Farinha © 1973



Fernando Farinha © 1973



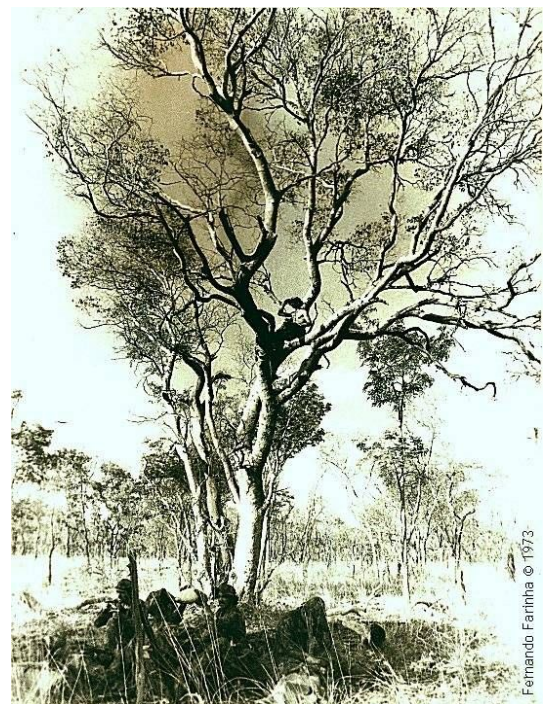
Fernando Farinha © 1973



Fernando Farinha © 1973



Fernando Farinha © 1973



Fernando Farinha © 1973

